

## **72. É horrível saber que você pode pegar essa doença e morrer**

Gisseia Batista Gomes

Me chamo Gisseia Batista Gomes, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, tenho 25 anos, sou casada, tenho dois filhos e sou da Aldeia Kumenê, atualmente moro no município de Oiapoque. A primeira notícia que tive sobre o coronavírus foi através dos noticiários na TV e nos grupos de *WhatsApp*, comecei a acompanhar todos os noticiários sobre essa doença. No início não tive muito medo, porque a doença estava longe, mas depois que eu vi que o vírus se espalhava rápido em todos os países, matando muitas pessoas, eu fiquei com medo, eu sabia que ele chegaria ao Brasil e ao Oiapoque.

Algumas semanas depois eu vi nos grupos que o vírus já estava na Guiana Francesa. Meu esposo, pensando na saúde dos nossos filhos, resolveu ir para Macapá, porque lá podíamos nos isolar com os nossos filhos, pois aqui no Oiapoque moramos em uma pousada, onde se hospedam muitas pessoas, de vários lugares, seria difícil manter nossos filhos em segurança.

Quando os primeiros casos apareceram no Amapá ainda estávamos no Oiapoque, depois fomos para Macapá, onde ficamos três meses em isolamento. Durante esses três meses ficamos sem sair de casa para evitar o contato com outras pessoas, foi difícil, principalmente na cidade, onde você fica perto de tudo e ao mesmo tempo longe. É difícil ficar longe das pessoas que a gente ama, principalmente nesses momentos de pandemia.

Nesse tempo em Macapá eu ficava pensando na minha família que mora na aldeia, eu temi por eles, por pensar que seria mais difícil para eles se a doença fizesse como faz nas cidades. Mas, graças a Deus, não foi assim. A COVID-19 não fez muitas vítimas na minha aldeia, agradeço pela minha família, meus amigos e pelos demais que estão conseguindo vencer essa doença. Agradeço também pelo fato de eu, meu esposo e meus filhos, não termos pegado a COVID-19, espero que não peguemos, não gostaria de ver meus filhos sofrendo com essa doença.

Mesmo estando na cidade não esqueci os conhecimentos do meu povo sobre medicina tradicional, fiz os remédios que minha mãe me ensinou, dei banho nos meus filhos

com algumas ervas que minha mãe me mandou da aldeia. Esses últimos meses foram tensos, eu não tinha passado por isso antes. Apesar de já ter perdido muitos entes queridos na minha vida, não se compara com o que estamos vivendo hoje. É diferente perder alguém para uma doença que chega sem se anunciar, e perder alguém para uma doença que você sabe que está chegando, que não tem remédio, como tem sido com o coronavírus, esse vírus que deixa as pessoas com medo antes mesmo dele chegar.

É horrível saber que qualquer hora você pode pegar essa doença e morrer, se não tiver a mesma sorte que os demais, isso faz você perder noites e noites de sono. Confesso que, logo no início, eu tive muito medo dessa doença, eu chorava de tanto pensar nessa doença! Eu via nos jornais como ela matava as pessoas, cheguei a pensar que isso iria acontecer comigo, como acontece nas grandes cidades. Mas graças a Deus que não aconteceu e acredito que tudo isso vai passar!

Oiapoque, Amapá, Brasil

28 de julho de 2020